FNLIJ
DESDE 1968

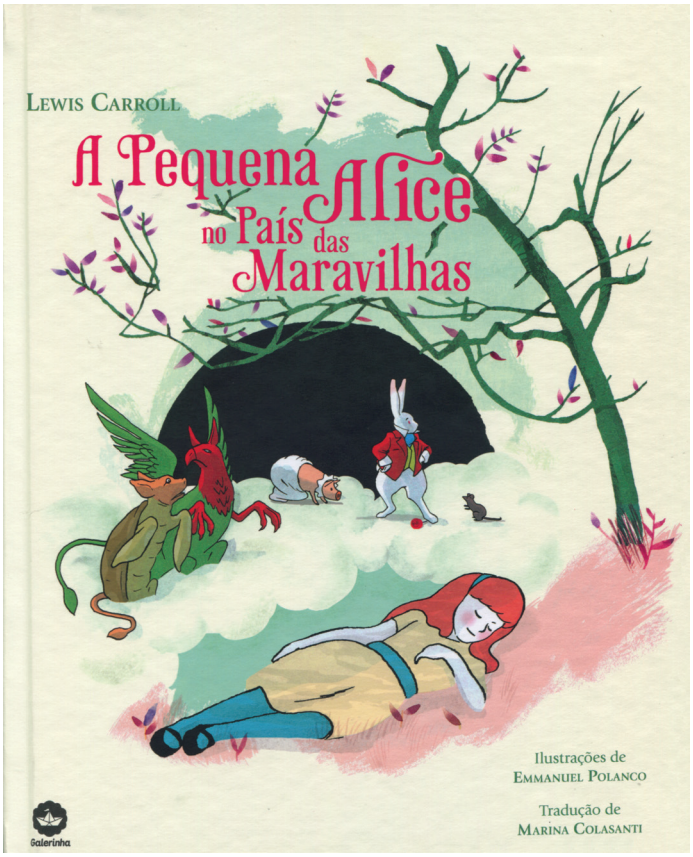
Notícias 12

DEZEMBRO 2015

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL | SEÇÃO BRASILEIRA DO IBBY

A PEQUENA ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

No final do século XIX, Lewis Carroll já sabia da importância de aproximar os livros dos pequenos o mais cedo possível. Após o sucesso de *Alice no País das Maravilhas*, lançado em 1865, o escritor se dedicou a outro desafio: alcançar as crianças de 0 a 5 anos. Para isso, escreveu uma adaptação de sua própria obra com o título *A Pequena Alice no País das Maravilhas*. O título, lançado pela primeira vez no Brasil este ano pela editora Record, tem tradução de Marina Colasanti. Em seu prefácio, inovador até os dias de hoje, Carroll revela que sua ambição é o desejo de todos que promovem a literatura infantil e juvenil.



Prefácio | Lewis Carrol

A todas as mães,

Tenho razões para acreditar que Alice no País das Maravilhas foi lido por algumas centenas de Crianças Inglesas, com idade entre 5 e 15 anos; e também por Crianças de 15 a 25 anos, assim como por Crianças entre 25 e 35 anos e até mesmo por Crianças (pois elas existem) nas quais nenhuma diminuição de força e saúde, nenhuma exaustão do solene escárnio, do brilho espalhafatoso e da inelutável miséria da Vida conseguiram secar a pura fonte de alegria que jorra em todos os corações infantis — Crianças de uma "certa" idade, da qual o número de anos não se revela, mas se guarda em respeitoso silêncio.

E agora, minha ambição (seria vã?) é ser lido por Crianças de 0 a 5 anos. Ser lido? Não, nem tanto! Mais justo é dizer: ser manuseado, babado, ter as páginas dobradas, ser amarfanhado, beijado por aqueles pequenos iletrados, desconhecedores da gramática, aqueles Queridos, cheios de covinhas, que enchem o Quarto de feliz algazarra, e o nosso coração de apaziguada alegria!

Como, por exemplo, uma criança que conheci, a qual — tendo sido cuidadosamente instruída de que uma unidade, seja lá do que for, é suficiente para qualquer garotinha, e que pedir dois pãezinhos, duas laranjas, duas unidades de qualquer coisa faria com que fosse considerada vergonhosamente "gananciosa" — foi vista uma manhã, sentada na cama, olhando com ar solene seus dois pezinhos descalços e murmurando para si mesma em voz suave e contrita, "audaciosa!".

PÁSCOA, 1890.

PÁGINA 4
9º Felit São João Del Rey

PÁGINA 8
Roger Mello candidato ao Prêmio Alma 2016

PÁGINA 12
Seminário Leduc - UFRJ

Alice e os clássicos para as férias

A FNLIJ encerra 2015 em meio ao cenário de insegurança que se alastra pelo mundo. O ano foi iniciado com os atentados em Paris, que se repetiram mais violentos ao seu final. A situação política e econômica de nosso país também é grave. Mas a Fundação continua acreditando na importância da leitura, no poder transformador que a literatura pode proporcionar para tornar o ser humano melhor. E os clássicos ainda nos lembram que já passamos por tudo isso antes.

Nessa última edição do *Notícias FNLIJ*, vamos comemorar novamente o aniversário de *Alice no País das Maravilhas* e recordar outros títulos de clássicos como sugestão de leitura das férias.

Celebrada por todo o planeta, a obra clássica de Lewis Carroll, pseudônimo do inglês Charles Lutwidge Dodgson, mantém aos 150 anos posição de destaque no imaginário de crianças, jovens e adultos. O universo nonsense criado por Carroll para a pequena Alice Lindell, cuja família era amiga do autor, é continuamente revisitado por escritores e ilustradores de todo mundo, gerando novas traduções, adaptações e ilustrações.

O aniversário de *Alice no País das Maravilhas* mereceu inúmeras homenagens em diversos países, como no principal evento do livro para crianças e jovens, a Feira de Bolonha, na Itália, de 30 de março a dois de abril, que reuniu as edições internacionais de Alice em uma exposição bibliográfica. Na Inglaterra, *The Alice Look*, que ficou até novembro no V&A Museum of Childhood em Londres, apresentou edições raras, ilustrações, fotografias e roupas da época. Nos Estados Unidos, exposições também celebraram a obra, como a da Universidade de Harvard, onde desenhos originais do ilustrador John Tenniel, edições estrangeiras do livro, paródias e obras teatrais estavam na mostra *Such a curious dream! Alice's Adventures in Wonderland at 150.* O manuscrito original da obra, ilustrado por Carroll, foi o destaque da exposição *Alice: 150 Years of Wonderland*, que passou pelo The Morgan Library & Museum, em Nova York e The Rosenbach of the Free Library, na Filadélfia.

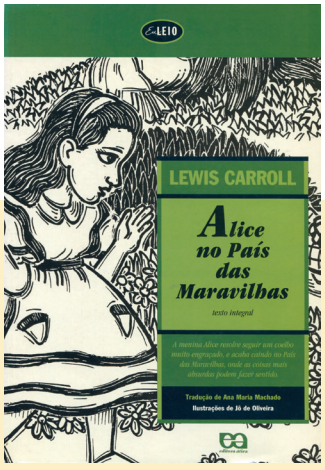
Lançada no Brasil em 1931, com tradução de Monteiro Lobato e ilustrações do inglês A.L Bowley (foi seguida de uma edição ilustrada por Darcy Penteado), pela Cia. Editora Nacional,a obra teve também traduções de Ana Maria Machado, com ilustrações de Jô de Oliveira, da editora Ática, de Nicolau Sevcenko, com ilustrações de Luiz Zerbini, da Cosac Naify e de Tatiana Belinky, com ilustrações de Camille Rose, da ARX; além de adaptações, como a de Ruy Castro, ilustrada por LauraBeatriz, da Companhia das Letrinhas. Este ano, foi lançada pela primeira vez no Brasil a adaptação feita pelo próprio Carroll para crianças de 0 a 5 anos, A Pequena Alice no País da Maravilhas, com tradução de Marina Colasanti, pela editora Record, que chegou à FNLIJ em dezembro.

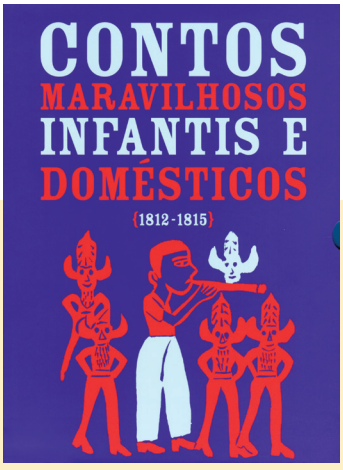
No 17º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens as comemorações incluíram uma exposição com as principais edições brasileiras, além de publicações estrangeiras, adquiridas na Feira de Bolonha. No Seminário FNLIJ Bartolomeu Campos de Queirós, Alice teve destaque ao lado de outro clássico, nas mesas *Festejando Alice e outros clássicos*, com Ana Maria Machado e *A Dura madeira de Pinóquio*, com Marina Colasanti. Os Encontros Paralelos FNLIJ Petrobras focalizaram a obra de Carroll com os temas *Identidade, tamanho e linguagem em Alice, 150 anos depois*, com Ninfa Parreiras, Ricardo Benevides, Volnei Canônica e Maria Beatriz Serra, e *Alice no País das Maravilhas: as ilustrações*, com Christiane Mello, Jô Oliveira e Rui de Oliveira.

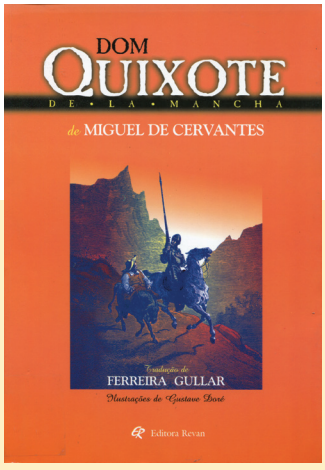
Clássicos sempre

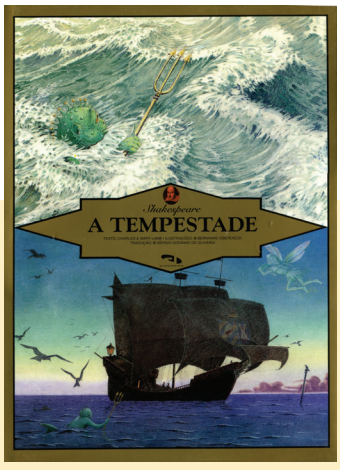
Com o sucesso das comemorações do aniversário de 150 anos de *Alice no País das Maravilhas*, abre-se o caminho para conhecermos ou revermos outros clássicos da literatura infantil e juvenil, que têm edições brasileiras em traduções caprichadas e adaptações de qualidade, além de recontos.

Ana Maria Machado, em seu livro *Como e por que ler os Clássicos Universais desde cedo*, da Editora Objetiva, fala sobre a importância









do contato com as grandes obras da literatura e, ao mesmo tempo, reitera que não se deve obrigar crianças e jovens a ler, mas sim buscar outras formas de atraí-los para a leitura. *O que interessa mesmo a esses jovens leitores que se aproximam da grande tradição literária é ficar conhecendo as histórias empolgantes de que somos feitos. (...) Também não é necessário que essa primeira leitura seja um mergulho nos textos originais. Talvez seja até desejável que não o seja, dependendo da idade e da maturidade do leitor. Mas creio que o que se deve procurar propiciar é a oportunidade do primeiro encontro.*

Para Ana Maria, os clássicos são obras eternas e sempre novas, que ao serem lidas no começo da vida, são desfrutados de uma maneira única e guardados para sempre na memória afetiva.

Temos de herança o imenso patrimônio da leitura de obras valiosíssimas que vêm se acumulando pelos séculos afora. Mas muitas vezes nem desconfiamos disso e nem nos interessamos pela possibilidade de abri-las, ao menos para ver o que há lá dentro. É uma pena e um desperdício.

SUGESTÕES DE LEITURAS PARA FÉRIAS:

Alice no País das Maravilhas, Lewis Carroll. Trad. Ana Maria Machado. Il. Jô de Oliveira, Cosac Naify.

Aventuras de Alice no País das Maravilhas e Através do espelho e o que Alice encontrou lá – Edição Comemorativa, Lewis Carroll. Trad. e ensaio: Sebastião Uchoa Leite. Il. John Tennie, Editora 34.

As aventuras de Pinóquio: histórias de uma marionete, de Carlo Collodi, Trad. Marina Colasanti, Companhia das Letrinhas.

As mil e uma noites. Vários Ilustradores. Trad. Ferreira Gullar. Editora Revan.

Coleção Shakespeare, de Charles e Mary Lamb. Editora Dimensão.

A Comédia de Erros, Trad. Márcio Godinho de Oliveira e Johnny Mafra. Il. Alicia Cañas Cortázar.

Contos de inverno, Trad. Sérgio Godinho de Oliveira. Il. Elizabieta Gaudasinska.

Romeu e Julieta, Trad. Márcio Godinho de Oliveira e Léo Cunha. Il. Marine D'antibes.

O mercador de Veneza, Trad. Sérgio Godinho de Oliveira e Johnny Mafra. Ilustração Dusan Kállay.

Otelo, Trad. Sérgio Godinho de Oliveira e Johnny Mafra. Il. Benoit Chieux.

A tempestade, Trad. Sérgio Godinho de Oliveira e Zélia Almeida. Il. Bernhard Oberdieck.

Contos de Grimm, Wilhelm e Jacob Grimm. Trad. Maria Heloísa Penteado. Il. Anastassija Archipowa, Editora Ática.

Contos de Perrault, Trad. Regina Regis Junqueira. Il. Gustave Dore, da Villa Rica.

Contos Maravilhosos Infantis e Domésticos, Irmãos Grimm – Trad. Christine Röhrig e Il. J. Borges, Cosac Naify.

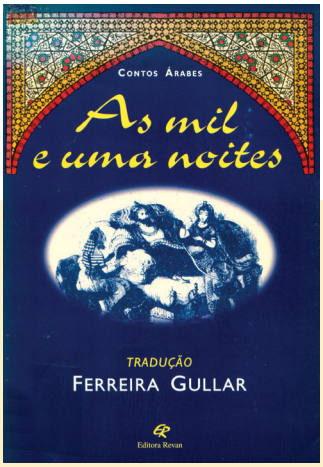
Dom Quixote de la Mancha, Miguel de Cervantes. Trad. e adaptação: Ferreira Gullar Il. Gustave Doré, Editora Revan.

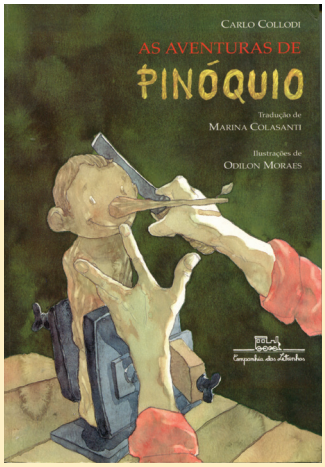
Fábulas La Fontaine, Trad. Ferreira Gullar Il. Gustave Doré, Editora Revan.

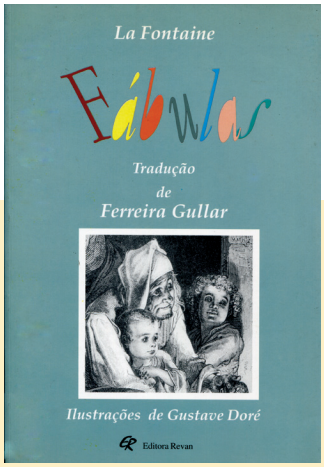
Minimaginário de Andersen, introdução de Katia Canton e Il. Salmo Dansa, Cia das Letrinhas.

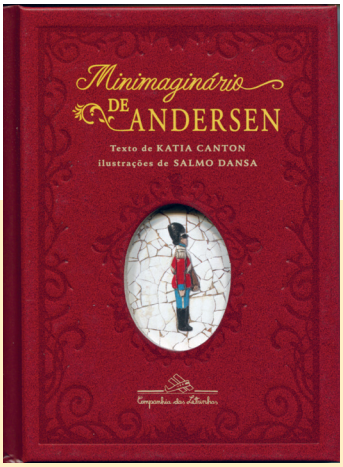
Peter Pan, o livro. Texto James M. Barrie. Trad. Ana Maria Machado, Salamandra.

Salada Russa. Texto Leon Tolstoi, Maksim Gorki, Puchkin, Tchekhov, Trad. Tatiana Belinky, Edições Paulinas.









José Eduardo Gonçalves e Elizabeth Serra.

Elizabeth Serra fala na abertura do 9º Felit.

LIJ no 9º Festival de Literatura de São João del-Rei

Aconteceu de 4 a 7 de novembro a nona edição do Felit – Festival de Literatura de São João del-Rei, que desde 2013 também é realizado na cidade de Tiradentes.

Este ano a grande homenageada do evento foi Ruth Rocha, escritora com mais de 130 livros publicados para crianças e jovens. A homenagem teve o título *O Fantástico Mundo de Ruth Rocha*, e apresentou também uma exposição sobre a escritora no hall de entrada do Teatro Municipal, onde aconteceu a cerimônia de abertura. Mesmo sem a presença de Ruth Rocha no evento, uma entrevista em vídeo realizada especialmente para o festival foi apresentada na cerimônia de abertura.

Público na abertura do 9º Felit

Elizabeth Serra, Secretária Geral da FNLIJ, foi convidada a participar da abertura pelo escritor José Eduardo Gonçalves, curador oficial do Felit e ganhador do Prêmio FNLIJ 2015 Teórico pelo livro *Ofício da palavra*, da Autêntica. Elizabeth apresentou a mesa *Literatura e Educação: A conexão possível e necessária*, sobre a importância da literatura para uma formação mais humanística por meio da educação. A vice-prefeita de São João del-Rei, Maria Cristina Alves Pereira, prestigiou o evento.

A programação ofereceu temáticas variadas e para todas as idades. *O Felit, ao contrário de outros festivais, também acontece ao longo do ano com oficinas, práticas diversas de literatura e movimenta a cidade e as escolas. Mas, nos dias do evento, temos mesas temáticas e essas mesas são voltadas para literatura infantil, adolescente e adulta*, declarou José Eduardo Gonçalves no primeiro dia do evento.

A Oficina de Formação de Jovens do Felit produziu o livro escrito por alunos da cidade, inspirados nos trabalhos de Ruth Rocha e lançado durante o festival chamado *Papagaios me mordam*.

O Festival teve organização do jornalista Lúcio Teixeira, da Via Comunicação, e foi realizado com patrocínio do Governo de Minas Gerais, pela Cemig.

Para maiores informações, visite o site www.felit.com.br.

movimento por um Brasil literário
mBrasil lit
Acesse www.brasilliterario.org.br e saiba mais

Eu QUERO MINHA BIBLIOTECA
Acesse www.euquerominhabiblioteca. org.br

Vencedores do Prêmio Jabuti 2015

A Câmara Brasileira do Livro – CBL realizou no dia 3 de dezembro a cerimônia de premiação do Prêmio Jabuti 2015, no auditório Ipirapuera, em São Paulo. Foram anunciados os prêmios máximos: o Livro do Ano de Ficção para *Quarenta dias*, de Maria Valéria Rezende, editora Objetiva; o de Não-Ficção, para *A casa da vovó – uma biografia de Doi-Codi*, de Marcelo Godoy, editora Alameda. Foram entregues também os prêmios aos autores vencedores em cada uma das 27 categorias – primeiro, segundo e terceiros lugares. O número de inscrições esse ano foi recorde, totalizando 2.575.

Este ano, a literatura infantil e juvenil ganhou mais uma categoria, a Infantil Digital. Dentre as 27 categorias da 57ª edição do Prêmio Jabuti, os vencedores da LIJ são:

Luiz Ruffato

Mario Teixeira

Ilustração de Livro Infantil ou Juvenil

1º LUGAR | **A Força da Palmeira**, Ilustrador(a): Anabella López – Editora Pallas Míni.

2º LUGAR | **Os Três Ratos de Chantilly,** Ilustrador(a): Alexandre Camanho – Editora Pulo do Gato, que recebeu também o o Prêmio FNLIJ2015 Melhor Ilustração.

3º LUGAR | **O Livro do Acaso**, Ilustrador(a): Nelson Cruz – Abacatte Editorial, que recebeu o selo Altamente Recomendável da FNLIJ e o Prêmio da ABL 2015.

Infantil

1º LUGAR | **A História Verdadeira do Sapo Luiz**, Autor: Luiz Ruffato –Editora DSOP.

2º LUGAR | **A Roupa Nova do Arco-da-velha** | Autor: Flávia Savary – Editora Cidade Nova.

3º LUGAR | **A Raiva**, Autor: Blandina Franco e José Carlos Lollo – Editora Zahar.

Juvenil

1º LUGAR | **A Linha Negra**, Autor: Mario Teixeira – Editora Scipione, que ganhou também o Prêmio da FBN.

2º LUGAR | **Os Olhos Cegos dos Cavalos Loucos**, Autor: Ignácio de Loyola Brandão – Editora Moderna.

3º LUGAR | **Memórias Quase Póstumas de Machado de Assis**, Autor: Álvaro Cardoso Gomes – Editora FTD Educação.

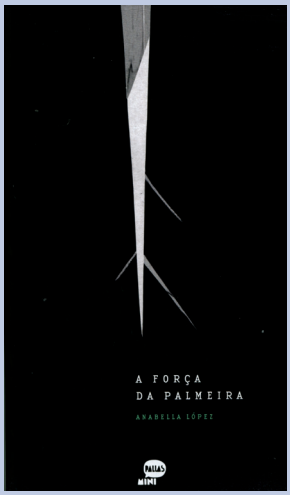
Infantil Digital

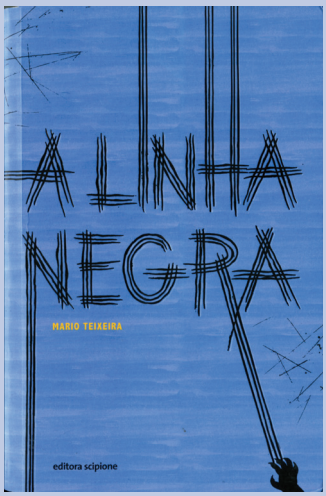
1º LUGAR | **Meu Aplicativo de Folclore**, Autor: Ricardo Azevedo – Editora Ática.

2º LUGAR | **Via Láctea de Olavo Bilac**, Autor: Samira Almeida e Fernando Tangi – Editora: Storymax.

3º LUGAR | **Flicts**, Autor: Ziraldo – Editora Melhoramentos e Engenhoca.

Vencedores de 2015





Conhecendo a seção IBBY Israel

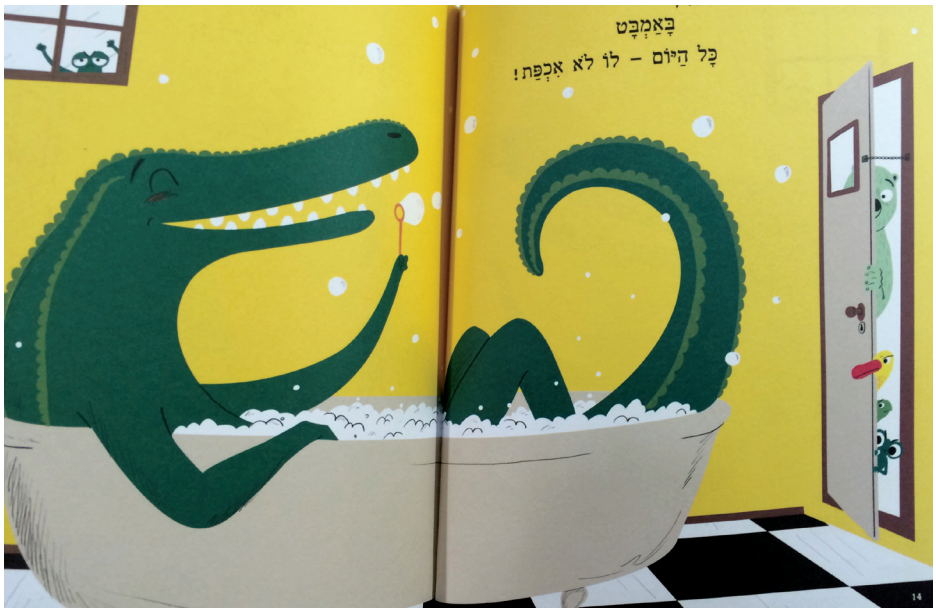
O escritor e professor Ricardo Benevides viajou a Israel em julho de 2015 a convite da Associação Aliança Cultural Brasil-Israel e fez um relato especialmente para o *Notícias FNLIJ* sobre sua visita à seção israelense do IBBY, o Centro de Literatura para Crianças Levin Kipnis, onde conversou com Yaakova Sacerdoti, chefe do departamento Literatura para Crianças do Levinsky Teachers' College e correspondente da revista *Bookbird*, do IBBY.

Formado em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Uerj, Ricardo Benevides teve seu primeiro estágio na FNLIJ, onde escreveu o *Notícias*. Como escritor, recebeu o Prêmio FNLIJ 2001 de autor revelação por *Fabíola foi ao vento*, da editora Revan.

Primeiros livros infantis publicados em Israel.

A Cultura do Livro em Israel | RICARDO BENEVIDES

Em 1947, o jovem beduíno Muhammad, também conhecido como "o Lobo", viajava pelo deserto de Negev, na região de Qumran, a pouco mais de um quilômetro da margem noroeste do Mar Morto. Uma de suas ovelhas então se desgarrou do rebanho e entrou numa caverna. O ambiente muito escuro e a dificuldade de localizar o animal levaram Muhammad a ter a ideia de lançar uma pedra para assustar o bicho e fazê-lo voltar para a entrada. Ao atirá-la, ouviu o ruído semelhante ao de um vaso se quebrando. O beduíno viria a descobrir que dentro dele e de outros recipientes semelhantes, guardados ali há séculos, estavam alguns dos pergaminhos mais antigos que se tem notícia na humanidade. Os chamados *Manuscritos do Mar Morto* reúnem livros do Antigo Testamento, textos apócrifos e códigos reveladores dos costumes da tribo Qumran. O episódio tão marcante é contado às crianças de Israel por Spencer Bloch, no livro *The Lost Lamb and the Find of the Century: the discovery of the Dead Sea scrolls* (A Ovelha Perdida e o Achado do Século: a descoberta dos Manuscritos do Mar Morto), com ilustrações de Hayim Roitblat Otsarya (Ed. Intelecty).



Ilusração de um livro infantil israelense.

Acredita-se que tenham sido escritos no século II a.C. Hoje, encontram-se guardados numa ala do Museu de Israel, conhecida como o Santuário do Livro, em Jerusalém. O nome, certamente, não é algo casual ou ligado apenas à dimensão religiosa dos manuscritos. A ideia que se tem ao visitar o país é de que o livro é mesmo um objeto de adoração, algo que faz parte da cultura, do desenvolvimento e da história de Israel desde muito antes de ser reconhecido como estado pela Organização das Nações Unidas, em 1948. Segundo dados da Biblioteca Nacional israelense, de 2010 para cá, foram lançadas em média 7 mil novas obras por ano naquele país. Numa comparação simples, o Brasil lançou 60 mil novos títulos em 2014 (informações do Sindicato Nacional dos Editores de Livros), porém a população brasileira corresponde a 25 vezes o tamanho da israelense. No ranking de livros publicados per capita, da Associação Internacional dos Editores de Livros (IPA), esse resultado colocaria Israel em 13º lugar, logo atrás dos Estados Unidos.

Mas se os números mostram que o volume de obras publicadas é grande naquele

país, tão significativa quanto é a presença delas em todo canto. No pavilhão colado ao Muro das Lamentações, por exemplo, se pode encontrar estantes com volumes os mais variados para leitura em diferentes idiomas. Bem verdade que o tema da maioria remete à religiosidade do local. Ainda assim, é perceptível que o ato de ler é corriqueiro ali e em outros pontos, turísticos ou não, da cidade de Jerusalém.

A realidade da Literatura Infantil e Juvenil no país é bem peculiar. Trata-se de um segmento bastante solidificado do mercado editorial, que viu seu florescer entre as décadas de 1910 e 1920, com as primeiras publicações de Levin Kipnis. Ele foi o pioneiro no gênero, tendo lançado mais de 130 livros para crianças ao longo da vida, até falecer em 1990. Nascido na Polônia, escreveu mais de 600 poemas, canções e histórias infantis, ilustrou e, principalmente, ajudou a compor o imaginário através do qual os jovens leitores puderam compreender o que seria a terra dos judeus.

Não é à toa que a seção israelense do IBBY (International Board of Books for Young People) corresponde ao Levin Kipnis Center for Children's Literature (Centro de Literatura para Crianças Levin Kipnis). Ele foi criado em 1982 quando a família do escritor doou manuscritos, livros e outras de suas obras para a instituição que viria ser a referência em matéria de pesquisa na área da Literatura Infantil e Juvenil naquele país. Desde então, o Centro tem como objetivos preservar o acervo – que inclui uma gibiteca –, promover a leitura do livro literário e dar suporte à formação de educadores. É representativo o fato do Centro funcionar dentro de uma escola de formação de professores, a Levinsky Teachers' College, situada ao norte da cidade de Tel Aviv.

A importância de Levin Kipnis para a cultura do país, no entanto não garante que sua obra permaneça viva nas leituras mais cotidianas das crianças israelenses. Ao menos é o que alerta Yaakova Sacerdoti, chefe do departamento Literatura para Crianças do Levinsky Teachers' College e correspondente da revista Bookbird, do IBBY. Segundo ela, a riqueza na escrita e as variações linguísticas usadas por Kipnis em hebraico acabam exigindo mais dos leitores, algo que pode dificultar a recepção dos estudantes menos dedicados à língua. "De todo jeito, nós temos que lê-lo", garante a especialista.

Esse não parece ser o único problema enfrentado pelos profissionais que atuam no Centro Levin Kipnis. O acervo de livros no gênero, por exemplo, corresponde a algo em torno de cinco mil obras infantis e outras mil juvenis. O número está bem aquém do que é editado no país. Com o crescimento gradual no volume de edições para crianças e jovens nos últimos cinco anos, elas equivalem a 12% do total das publicações israelenses, mantendo média anual próxima aos 800 títulos.

Há também certo preconceito, por parte das academias que estudam literatura, em relação às criações voltadas aos jovens leitores. Pesquisadora do tema há anos, Yaakova ouviu certa vez que seria um "suicídio acadêmico dedicar-se à investigação de livros para crianças". Mesmo assim, persistiu na busca por espaço para a literatura infantil: "Fazemos duas conferências por ano em torno dos temas da infância e da juventude. A próxima é sobre bruxas".

Yakoova Sacerdoti e Ricardo Benevides

Se algumas universidades ainda torcem o nariz para o livro infantil, o mercado parece não ligar para isso. Em 2014, os livros para crianças e jovens de Israel foram produzidos por 121 editoras, das quais vinte publicaram dez livros ou mais. Em sua maioria, são escritos em hebraico, mas é possível encontrar edições em inglês, árabe e outros poucos idiomas. Um dado curioso sobre o segmento: as mulheres têm escrito e publicado mais que os homens. Em 2013, foram 307 autoras (65%) contra 169 autores (35%). Os temas são os mais variados e parecem não estar muito limitados por moralismos – há obras para crianças sobre pais solteiros e sobre homossexualismo, por exemplo.

O mais importante talvez seja perceber que as questões que envolvem o livro para crianças e jovens em Israel, no Brasil e em outras partes do mundo não são tão distintas assim. Da cultura milenar que preserva os manuscritos mais antigos da humanidade à luta contemporânea pela formação de novos leitores, vê-se que o caso israelense pode colocar em perspectiva outras tantas práticas em torno do livro e da leitura pelo mundo a fora.

Livros infantis israelenses.

Roger Mello

Roger Mello indicado ao ALMA 2016

O ilustrador Roger Mello, vencedor do Prêmio Hans Christian Andersen em 2014, é um dos candidatos ao Prêmio Astrid Lindgren 2016, em lista apresentada na Feira de Frankfurt em outubro.

Em sua terceira indicação – o ilustrador brasileiro foi indicado em 2010 e em 2014 –Roger concorre com outros 215 candidatos de 59 países. O prêmio é um reconhecimento da contribuição de escritores, ilustradores, contadores de histórias e organizações que trabalham pela promoção da alfabetização pelo mundo.

O vencedor do Prêmio ALMA 2015 será anunciado no dia 5 de abril de 2016, durante a Feira de Bolonha, por meio de transmissão ao vivo da Suécia.

FNLIJ recebe visita de Marisa Mendonça, diretora executiva do IILP

A FNLIJ recebeu no dia 29 de outubro a visita da professora Marisa Mendonça, diretora executiva do Instituto Internacional da Língua Portuguesa - IILP. Nascida em Moçambique, Marisa Mendonça é Doutora em Educação/ Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Brasil. Foi Diretora da Faculdade de Línguas da Universidade Pedagógica, Moçambique (2003-2009). Entre 2009 a 2012, assumiu como Diretora da Faculdade de Ciências da Linguagem, Comunicação e Artes da Universidade Pedagógica, Moçambique. Diretora da Escola Superior de Contabilidade e Gestão da Universidade Pedagógica, Moçambique (2012-2014).

Em viagem ao Brasil para cumprir agendas oficiais em Brasília, no Rio e em São Paulo, a diretora agendou uma reunião com membros da Fundação por intermédio do Itamaraty, para conhecer suas atividades e discutir a cooperação entre as duas entidades, uma vez que o IILP está planejando um projeto de promoção de leitura para 2016.

Estiveram presentes a Presidente do Conselho Diretor, Isis Valéria, a Secretária Geral da FNLIJ, Elizabeth Serra, Marisa Borba, membro do Conselho Diretor, e o professor Carlos Alberto Faraco e Thiago Antônio de Melo Oliveira do Ministério das Relações Exteriores.

Durante o encontro, foi apresentado um panorama sobre a Fundação, sua história e ações desenvolvidas, como o Prêmio FNLIJ e o Salão FNLIJ para Crianças e Jovens, além dos cursos de formação com foco na leitura e na literatura oferecidos ou apoiados pela Fundação e sobre alguns parceiros, como Instituto Ecofuturo e o Instituto C&A. Aproveitando a oportunidade, Elizabeth Serra retomou assunto já tratado anteriormente com representante do Instituto, quando os países de língua portuguesa foram convidados do 13º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, em 2011, sobre a importância de se criar seções IBBY em todos os países de língua portuguesa, que por enquanto só existem no Brasil e Portugal.

Marisa Mendonça

Marisa Mendonça indicou alguns contatos a serem feitos pela FNLIJ para esse fim.

A seguir, Marisa falou sobre o interesse do IILP em criar um programa de leitura, tendo como foco Cabo Verde, onde o instituto está alocado e pouco se fala o português. Atualmente está em processo de montagem no país uma biblioteca aberta ao público, com apoio da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP. O desejo é buscar estratégias para contatar editoras e autores da CPLP.

Sobre o Plano de Leitura, que tem como objetivo levar literatura para países da CPLP e conta não apenas com os países de língua portuguesa, mas também associados, como Japão, Turquia e outros. Marisa deseja, igualmente, pensar em programas nacionais para os países de língua portuguesa africanos.

Foram destacados alguns pontos cruciais para formar professores leitores e um breve perfil de leitura no Brasil e na África.

A reunião se encerrou com a perspectiva de se firmar mais uma parceria em prol da leitura de literatura para crianças e jovens.

Emilia Ferreiro no 17º Salão FNLIJ

Convidada de honra do 17º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, a psicopedagoga e pesquisadora argentina Emilia Ferreiro esteve no Rio de Janeiro especialmente para participar do 17º Seminário Bartolomeu Campos de Queirós, onde apresentou a palestra *Reflexões infantis sobre as ideias de autor, personagem e livro*, resultado parcial de sua nova pesquisa ainda em andamento, que está sendo realizada no Centro de Investigação e Estudos Avançados do Instituto Politécnico Nacional, da Cidade do México onde vive.

Após a palestra, Emilia passeou pelo Salão, dessa vez desempenhando o papel de avó e adquiriu vários livros para seu neto. Antes de sair do evento, Emilia concedeu uma entrevista exclusiva para o Notícias FNLIJ. (Tradução: Giovanna Garcia)

Notícias: Qual a importância da leitura no processo de alfabetização?

E.F: Uma coisa é entender os processos de leitura e outra coisa é utilizar a leitura. Em muitas pesquisas se pode utilizar a leitura sem estar preocupado com o processo da leitura. Ou seja, utilizar um dado de leitura é uma coisa, perguntar-se sobre os processos de compreensão leitora, é outra coisa.

Então, a interpretação leitora continua sendo um problema que ainda não foi resolvido. Que ainda não temos uma resposta clara. Por quê? Porque a compreensão leitora intervém em tantos fatores, que é muito difícil saber qual é o peso relativo de todos esses fatores ao qual ela intervém. Sem dúvida, ela intervém no conhecimento prévio que temos sobre o tema. Se não sabemos nada sobre certo tema, o nível de compreensão que se alcança é muito precário em relação a um tema sobre o qual já tenhamos lido, ou escutado, ou temos algum tipo de experiência leitora ou direta com o tema. O conhecimento prévio do tema é sem dúvida um fator muito importante na compreensão leitora. Outro fator na compreensão leitora é a experiência prévia com o tipo de texto. Se eu nunca trabalhei com uma enciclopédia, este formato de texto requer uma atenção privilegiada até que se entenda como é o seu funcionamento. Se eu já tenho experiência com uma enciclopédia, posso ir diretamente ao tema que estou pesquisando. Digo isso porque na internet há o problema das "buscas". As "buscas" são um procedimento de leitura rápida, onde as palavras-chaves servem de guia para uma primeira orientação. Uma vez que se encontra a página procurada, lemos. Não uma leitura rápida, se lê como geralmente lemos os textos informativos. Falo de compreensão leitora de textos informativos antes de tudo, pois essa é uma das maiores preocupações da escola. A escola tem que produzir leitores autônomos. Leitores que saibam encontrar, que saibam quando encontrar informação, que saibam comparar informações, que saibam o que fazer com essa informação, já que isso depende do propósito da busca. A valorização da informação e dos processos, não somente das "buscas", mas também os processos de comparação e valorização da informação devem ocupar a instituição escolar. Isso é muito importante, porque estamos em um momento que todo o mundo usa o slogan "aprender a aprender", aprender ao longo da vida, continuar aprendendo mesmo depois de terminar os estudos. Então, esse leitor autônomo que pode continuar aprendendo, não é autônomo somente porque pode ler por si mesmo, é autônomo porque pode valorizar o que está elegendo, no sentido de é pertinente ou não é pertinente com o que estou buscando? Posso considerar que essa fonte é confiável? Em função de quais indicadores? São procedimentos muito complicados para o leitor, mais ainda com a internet. A internet não facilitou essa parte do processo. A internet facilita a busca porque é um pesquisador automático, mas ela não facilita a valorização de uma fonte, a comparação entre as fontes e não dá nenhuma pista sobre como utilizar essas fontes. Ela só oferece, deixando a cargo do leitor o buscar, comparar e decidir. Ainda há uma dificuldade: todos os resultados da busca são apresentados em forma de lista, na qual todas as páginas têm a mesma aparência, dando ao leitor a tarefa de saber quando é um blog, quando é uma página comercial.

A internet dá esse poder à criança, não?

E.F: Sim. Dá poder de buscar sozinha, pois tem que escrever muito pouco. Além disso, os filtros de busca estão cada vez mais "amigáveis". No sentido de que admitem expressões de pesquisa que antes não admitiam. Por exemplo: em uma pesquisa recente, sobre as múmias de Quito, uma das perguntas era "Algumas páginas da internet dizem que no processo de mumificação o coração era retirado e em outras, dizem que não. Como fazemos para acreditar se deixam ou não o coração?". Essa pesquisa foi feita com crianças da 4ª e 6ª séries, ou seja, de onze a doze/treze anos. Como escreveram a pergunta no Google? Alguns escreveram a pergunta como se o Google fosse uma pessoa respondendo a eles: "tiravam o coração das múmias de Quito, sim ou não?". Há alguns anos atrás o Google não respondia a essas formulações tão coloquiais, de conversação direta. Nesse sentido, dizemos que os mecanismos de busca agora

Uma criança que chega à escola primária tendo sido o destinatário de leituras em voz alta chega sabendo que a escrita serve para essa coisa incrível que é escutar uma história. EMILIA FERREIRO

estão mais "amáveis", porque adivinham o que estamos buscando em função de certa palavra ou combinação de palavras. Mas, se na formulação da pergunta colocamos ou não o símbolo de interrogação, o resultado será igual. Aí está uma série de vantagens que faz com que a gente trate os filtros de busca como o bibliotecário de antigamente. Para isso, a internet é um facilitador. O que continua sendo um problema é a forma como se apresenta o resultado encontrado: todas as páginas tem um formato idêntico e estão em lista. E a indicação que está abaixo, que diz "página 1 de 28", por exemplo, ninguém lê. Jovens e adultos, por exemplo, ficam na primeira página. Já se sabe que as pesquisas se limitam à primeira página.

Quando começamos a abrir as páginas, uma por vez, começa outro problema, pois cada página remete-se a outra página. Então, é muito fácil começar a navegar na internet e esquecer-se do propósito inicial da busca, e terminar vendo outra coisa totalmente distinta da qual foi buscar. Isso também obrigava o leitor, a pessoa que está fazendo a busca, a perceber quando está mantendo o propósito e quando está perdendo o foco, porque há muitas distrações.

O problema da distração é muito sério. Chama-se 'distração', não é à toa, é porque distraem em relação ao propósito da pesquisa. Em certo sentido, as páginas da internet se parecem, cada vez mais com um shopping, em minha opinião. Um lugar onde tudo o que estão me ofertando, sugerindo, em geral é propaganda. Então, para ser um leitor eficiente na internet, necessita-se muito mais habilidade agora do que antes. Porque diferentemente de entrar em uma biblioteca, onde se tem ajuda de um bibliotecário, que te direciona, na internet não há isso. A possibilidade de perder o rumo é altíssima.

A senhora fala muito da biblioteca da sala de aula e a importância dessa biblioteca no ensino da infância e contato com o livro o mais cedo possível.

E.F: Afortunadamente, as escolas públicas latino-americanas estão começando a proporcionar este espaço chamado "biblioteca de aula" para os grupos de 4 a 5 anos, ou menos. Digo "afortunadamente" porque muitas crianças de escolas públicas chegavam ao primário sem nunca terem escutado leituras em voz alta. Os educadores contavam os contos, mas não liam os contos. A experiência de ler em voz alta, de ser o destinatário de uma leitura em voz alta, de ser aquele a quem se dirige o leitor é uma experiência única que não se compara com nada - eu expliquei um pouco hoje durante a conferência – e isso tem a ver com a insistência das crianças em voltar a ler os livros que já sabem de cor. Por que diabos elas querem que os adultos leiam e releiam aquilo que já sabem de cor? Justamente por essa fascinação de que o mesmo texto se repete uma ou duas vezes, cada vez que alguém o lê. É uma experiência completamente diferente da comunicação cara a cara. Na comunicação cara a cara podemos contar a mesma história, mas nunca contamos exatamente da mesma maneira. Somente algumas partes são narradas com as mesmas palavras ou ordem, fazendo dessa comunicação uma coisa parecida com uma canção, um ritual. Por isso que a leitura em voz alta se aproxima dos rituais em geral, apresentando um espetáculo de voz que é muito diferente das outras coisas. Essa é uma voz que tem a sua própria música, mas quando se trata de uma narrativa, uma das perguntas, de quem se está falando, aí cito um fragmento do livro "As Palavras" de Jean Paul Sartre, que é belíssimo, onde ele já adulto, reconstrói a situação onde sua mãe lê em voz alta e diz coisas que são totalmente pertinentes, no sentido de que 'quem está falando? Minha mãe ou o personagem?'. O desconforto da leitura em voz alta é justamente porque o leitor oferece sua voz aos personagens, mas ainda continua sendo ele. Esse assunto de quais são as vozes do relato começa com a compreensão da leitura em voz alta. Então, uma criança que chega à escola primária tendo sido o destinatário de leituras em voz alta, chega sabendo que a escrita serve para essa coisa incrível que é escutar uma história. Quando o adulto fala lendo, produz uma língua que não é a minha, porque há coisas que nunca escutei dessa maneira. Então esse estranhamento diante da língua, permite entender que além da conversação, há outras maneiras de falar que não são comuns. E, permite que este, bom... sobretudo se o adulto lê em uma posição de abraço, entender que a leitura se associa a situações prazerosas, de proteção, de carinho, etc, que dá à escrita uma série de valores positivos que ajudam a ter interesse por isso. Há mais ou menos 15 ou 20 anos, a maioria das crianças da escola pública começavam a aprender a escrever com as sílabas, com as letras com as palavras ou o que mais a professora colocava no quadro negro. A filosofia da escola obrigatória era: primeiro o mecânico e depois o prazer. Em algum momento vem o prazer pela leitura, mas vinha logo e não sabíamos como. Ou seja, primeiro a alfabetização e depois o resto. O contato com os livros também vem depois, porque ainda não entendem. Então, cadernos, quadro negro, repetições, o tedioso, o chato, tudo isso vem primeiro. Não é estranho que tantas crianças tenham ficado pelo meio do caminho, porque não era um caminho fácil. Era cheio de espinhos, pedras... A disciplina antes de mais nada.

Entretanto, muitas crianças de classe média que também frequentavam a escola pública, mas tinham leitores em suas casas ou tinham acesso a instrumentos de escrita, viam as pessoas ao seu redor escrever e ler, tinham o mesmo ritual escolar, porém com significado diferente. Porque alguns já sabiam que a escrita servia para muitas coisas e algumas dessas coisas são muito interessantes. E outros, não tinham a menor ideia do para que servia tudo isso, era simplesmente um obrigação a ser cumprida.

Bom, voltando às "bibliotecas de aula", principalmente na pré-escola, me parece que há uma democratização do acesso ao

livro e à leitura. Pude constatar em uma pesquisa recente no México, que as educadores leem. Algumas todos os dias, outras 2 ou 3 vezes por semana. Mas leem. Não somente contam contos, mas leem. O que fazem depois com o que leram é muito distinto, a maneira de ler também varia, algumas admitem que haja interrupções, outras não, usam as imagens ou não, elas leem de maneiras muito diferentes. Na verdade, eu acredito que ainda não temos dados sólidos para dizer "essa é a maneira certa de ler". O melhor é o estímulo à leitura. O importante é que leiam em voz alta.

Então, estou convencida de que esse é um dos mecanismos mais fortes para a democratização do acesso ao livro, e também de melhorar a alfabetização. Porque a alfabetização é favorecida com um monte de ações, que geralmente não tem a ver com desenhar de alguma forma a letra. Tem a ver com a compreensão do valor social desse objeto e com a qualidade das experiências que posso ter graças à escrita.

É por isso que a senhora fala sobre cultura letrada.

E.F: Quero dizer várias coisas. Quero dizer que a escrita é um objeto social e cultural por excelência e que os usos sociais da escrita também são parte de entrar na cultura escrita e entender esse usos sociais. Esses usos sociais tem a ver com o controle de conduta dos outros. Por exemplo, uma placa onde está escrito "Proibido Passar", tenta controlar o comportamento. Uma placa que diz "Desconto de 50%", tenta seduzir a pessoa para gastar seu dinheiro no local. Uma placa como esta que diz "Saída de Emergência", passa uma informação para quando seja necessário utilizá -la. Ou seja, na cultura urbana, "Saída de Emergência" - porque a escrita é em sua origem uma cultura urbana – é informação para relembrar. As culturas urbanas estão cada vez mais impregnadas de escrita. É muito difícil achar um local onde não se pode escrever, em tênis, camisetas, etc. Em vários lugares se apresentam coisas escritas, imaginar um espaço urbano onde não se pode escrever é praticamente impossível. A princípio, qualquer superfície pode receber escrita. Na prática, o que vemos é uma base cada vez maior de escrita em todos os lados. Quando justamente acreditava-se que a televisão ia nos impor a cultura da imagem, chega a cultura digital retornando com a escrita – junto com as imagens, mas reintroduz a escrita de uma maneira muito forte . Então, a escrita é um objeto onipresente, está por todos os lados com funções diferentes, mas nem sempre previsíveis, dependendo da superfície e isso é o fator que complica, porque como podemos antecipar o que quer dizer? É apenas a marca do tênis? É uma propaganda? Porque se usa, também, como propaganda. O que está escrito na camiseta não diz "camiseta", diz "Salão do Livro", por exemplo. Estamos na sociedade do consumo, que novidade! Hoje em dia a propaganda se apresenta de maneira muito agressiva. Eu diria que hoje em dia, uma parte do exercício de ser um leitor é não estar à mercê da propaganda o tempo inteiro. É saber "filtrar", desligar o celular e tablet, quando a propaganda o envolver, porque é muito forte... As empresas descobriram que se atingem as crianças, mesmo não sendo consumidores diretos, atingem também aos pais, que são os detentores do dinheiro. As crianças são ótimas intermediárias para insistir com os pais de que necessitam do objeto que está sendo ofertado. Se a propaganda é veiculada em momentos de pico, pior ainda, porque as crianças estão vendo o tempo inteiro. Os espaços internos das casas onde as crianças vivem estão cada vez menores, a possibilidade de brincar fora de casa – na rua – está cada vez mais limitada pela insegurança que vivemos. O resultado então é: crianças quietas comendo salgadinhos diante da televisão. Aí, depois temos que lutar contra a obesidade infantil - um problema muito sério que tem tudo a ver . Parece-me que as pessoas que trabalham com a promoção da leitura estão muito focadas na literatura de ficção e, tenho a impressão de que se abrirmos um pouco mais o "leque de opções", ainda que a ficção seja o foco principal – como eu disse hoje, distinguir ficção de literatura informativa é crucial. Mas também é crucial entender que algumas das mensagens que são passadas na televisão por meio escrito ou oral, têm dois destinatários ou escondem um propósito contrário ao que está sendo exposto. Uma das coisas que apresentei hoje foi: uma propaganda de doce termina com a frase "alimente-se saudavelmente" e isso é cada vez mais frequente. Quando falamos em formar um leitor crítico – todos querem formar um leitor crítico – temos que seguir um primeiro passo: entender as contradições entre certos slogans publicitários e o produto que estão anunciando. "Conserve o Planeta", por exemplo, é uma espécie de slogan muito genérico que as empresas estão usando e nas escolas também encontramos programas de conscientização ambiental. Ou seja, estamos ensinando às crianças que conservar o planeta é jogar o papel em uma lata ao invés de jogá-lo na rua. Ok! Mas não falamos a eles nada sobre as grandes empresas que contaminam o meio ambiente. Então, a impressão que dá é que a responsabilidade de cuidar do planeta é das crianças, enquanto ninguém controla as grandes empresas contaminantes. Ao contrário. Elas continuam fazendo tudo o que faziam antes, porém agora elas têm programa de reflorestamento ou de ajuda a hospitais, para melhorar a imagem.

O leitor crítico tem que começar sua formação com textos muito pequenos, que tem a ver com essa contradição entre o que se diz e o que realmente é feito.

O que a senhora achou do Salão FNLIJ?

E.F: Eu achei lindo que as escolas vêm com as professoras para escolher livros. É fantástico ver que todas as crianças saem daqui com um livro mesmo que não o tenham comprado. Se o professor vem somente para escolher, é bem diferente. Eles têm que participar e observar como se comportam diante de um universo de ofertas. Eu, como adulta, por exemplo, fiquei oprimida depois de passar por tantos estandes (risos). A impressão que causa saber que há tantos livros, que se editam tantas ofertas, que os professores estão interessados mesmo que não comprem, mas saber que vão discutir isso depois é maravilhosa. Diante de tantas ofertas, conseguir selecionar o que será útil a um grupo, sem que seja "mais do mesmo", requer muito trabalho. Qualquer discussão e conclusão que se chega, já é válida somente pelo ato de discutir a informação. Quando o professor vem com o seu grupo, já fica claro que não foi uma decisão somente dele.

www.fnlij.org.br
Associe-se à FNLIJ e receba mensalmente
o Notícias, em versão impressa.

IMPRESSO

Rua da Imprensa, 16 - 12º andar cep: 20030-120 Rio de Janeiro – Brasil | tel.: (21) 2262-9130 fax: (21) 2240-6649 e-mail: fnlij@fnlij.org.br

Peter Hunt e resultados parciais da pesquisa – LEDUC na Casa de Rui Barbosa

O Leduc, *Laboratório de Estudos de Linguagem, Leitura, Escrita e Educação* da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, organizou no dia 16 de novembro o *v Seminário Infância, linguagem e escola: políticas de livro e leitura das secretarias Municipais de Educação do Estado do Rio de Janeiro* no auditório da Casa de Rui Barbosa, em Botafogo, no Rio de Janeiro.

No seminário foi apresentado parte dos resultados da pesquisa *Infância, linguagem e escola: a leitura literária em questão*, financiada pela Faperj - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (JCNE, 2012-2015) e coordenada pela professora Patrícia Corsino.

A pesquisa buscou conhecer e analisar políticas de livro e leitura desenvolvidas pelas Secretarias Municipais de Educação dos Municípios do Estado do Rio de Janeiro e suas implicações em práticas de leitura literária em creches, pré-escolas e escolas de Ensino Fundamental. Por meio de um questionário enviado para 92 Secretarias Municipais de Educação do Estado e com retorno de 62 secretarias, foram analisadas questões distribuídas em quatro eixos: i) organização dos setores de livro e leitura das secretarias; ii) composição e organização de acervos de creches, pré-escolas e escolas dos anos iniciais do Ensino Fundamental; iii) espaços de livros e leitura nas escolas; iv) programas e projetos de incentivo à leitura e à formação do leitor literário.

A parte da manhã do evento teve como convidado especial o professor Peter Hunt, da University of Cardiff, do Reino Unido. Com o tema *Textos para crianças, leitura infantil e o problema da literatura*, o professor Hunt expressou uma visão polêmica sobre a escolha de títulos infantis e juvenis. *É importante a criança escolher o que ela quer ler. Se ela escolher um livro que você não gosta, qual o problema?*, declarou. O professor também colocou em dúvida os critérios de escolha das melhores obras. *Somente poucos têm o direito de julgar o que é bom, mas os melhores livros para crianças são aqueles que são curtidos pelas crianças e não pelos adultos,* reafirmou Hunt. Na coluna *Conte algo que eu não sei*, do jornal *O Globo* do dia 27 de novembro, o professor fala mais sobre literatura infantil. O link da entrevista é oglobo.globo.com/sociedade/conte-algo-que-nao-sei/peter-hunt-professor-toda-literatura-infantil-tenta-controlar-crianca-18152942.

A programação da tarde foi reservada à apresentação dos primeiros resultados da pesquisa. As mesas contaram com a presença de Claudia Pimentel, Jordanna Castelo Branco e Lucienne Leão, que falaram sobre *Organização, programas e projetos* e Maria Beatriz Serra, Flávia Carvalhal, Rafaela Vilela e Sônia Travassos, com o tema *Acervos e espaços*.

O evento teve apoio da Faperj, da Fundação Casa de Rui Barbosa, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil- FNLIJ e da Faculdade de Educação –UFRJ.

FNLIJ | SEÇÃO BRASILEIRA DO *INTERNATIONAL BOARD ON BOOK FOR YOUNG PEOPLE* – IBBY

Mantenedores Abacate Editorial Ltda; Ação Social Claretiana; Artes e Ofícios Editora Ltda; Associação Brasileira de Editores de Livros; Autêntica Editora Ltda; Berlendis Editores Ltda; Brinque-Book Editora de Livros Ltda; Câmara Brasileira do Livro; Cereja Editora Ltda; Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda; Cortez Editora e Livraria Ltda; CosacNaify Edições Ltda; Difusão Cultural do livro Ltda; Doble Informática Ltda; DSOP Educação Financeira Ltda; Edelbra Indústria Gráfica e Ed Ltda; Edições Escala Educacional Ltda; Edições SM Ltda; Ediouro Publicações S/A; Editora 34 Ltda; Editora Ática S/A; Editora Bertrand Brasil Ltda; Editora Biruta Ltda; Editora Canguru; Editora do Brasil S/A; Editora FTD S/A; Editora GHV Ltda; Editora Globo S/A; Editora Iluminuras Ltda; Editora José Olympio Ltda; Editora Lafonte Ltda; Editora Lê Ltda; Editora Manole Ltda; Editora Melhoramentos Ltda; Editora Moderna Ltda; Editora Mundo Jovem 2004 Ltda; Editora Nova Fronteira Partic. S/A; Editora Original Ltda - EPP; Editora Paz e Terra Ltda; Editora Peirópolis Ltda; Editora Planeta do Brasil Ltda; Editora Positivo Ltda; Editora Projeto Ltda; Editora Pulo do Gato Ltda; Editora Record Ltda; Editora Rideel Ltda; Editora Rocco Ltda; Editora Scipione Ltda; Editora Schwarcz Ltda; Elementar Public.e Edit. Ltda - ME; Florescer Livraria e Editora Ltda; Fund.Cult. Casa Lygia Bojunga; Geração Editorial Ltda; Girassol Brasil Edições Ltda; Global Editora e Distribuidora Ltda; Gráfica Editora Stamppa Ltda; Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas; Jorge Zahar Editora Ltda; Jujuba Editora; Livros Studio Nobel Ltda; Manati Produções Editoriais Ltda; Marcos Pereira; Martins Editora Livraria Ltda; Mazza Edições Ltda; Meneghettis Gráfica e Editora Ltda; Pia Soc. Filhas de São Paulo; Pia Sociedade de São Paulo; PwC; Publibook Livros Papeis S/A L&PM; Publicação Mercuryo Novo Tempo; RHJ Livros Ltda; Rovelle Edições e Com. de Livros Ltda; Salamandra Editorial Ltda; Editora Saraiva; SDS Editora de livros EIRELI; Sesi SP Editora; Sindicato Nacional dos Editores de Livros; Texto Editores Ltda – Leya; Vergara e Riba Editoras Ltda; Verus Editora Ltda; WMF Martins Fontes Editora Ltda.

Expediente Editor: Elizabeth D'Angelo Serra; Jornalista: Cristina Bacelar; Projeto Gráfico e Diagramação: Estúdio Versalete; Impressão: PwC. **Gestão FNLIJ 2014-2017** Conselho Curador: Alfredo Gonçalves, Christine Castilho Fontelles, Celia Portella, Laura Sandroni, Leonardo Chianca e Wander Soares; Conselho Diretor: Isis Valéria (Presidente) e Marisa de Almeida Borba; Conselho Fiscal: Henrique Luz, Marcos da Veiga Pereira e Regina Lemos; Suplentes: Anna Maria Rennhack, Jorge Carneiro e Regina Bilac Pinto; Conselho Consultivo: Alfredo Weiszflog, Amir Piedade, Annete Baldi, Bernadete Boff, Bia Hetzel, Cristina Warth, Eduardo Portella, Eny Maia, Ione Meloni Nassar, José Alencar Mayrink, José Fernandes Ximenes, Lilia Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Antunes Cunha, Mariana Zahar, Paulo Rocco e Silvia Gandelman; Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Apoio

pwc